

ASSEMBLAGE- INTERDISCIPLINAR COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO METODOLÓGICO INTERDISCIPLINAR

Josie Agatha Parrilha da Silva

Doutora em Educação para a Ciência e a Matemática e Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa

josieaps@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8778-6792>

RESUMO

O artigo é resultado de uma proposta metodológica desenvolvida em uma pesquisa de Pós-Doutorado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência (UNESP-BAURU). Teve como objetivo apresentar uma discussão teórica sobre uma proposta metodológica para o desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares a partir da aproximação entre Arte e Ciência. Para isso, desenvolvemos esta proposta metodológica, denominada *Assemblage-Interdisciplinar*. O tema da pesquisa foi a Lua, contudo, reporta-se a uma proposta em aberto e pode ser desenvolvida em outras pesquisas que busquem desenvolver possibilidades interdisciplinares, em especial, a partir da área de Artes Visuais.

Palavras-chave: *Interdisciplinaridade. Arte e Ciência. Assemblage-Interdisciplinar.*

SILVA, Josie Agatha Parrilha da. **Assemblage-interdisciplinar como possibilidade de construção de um percurso metodológico interdisciplinar.**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM. v.7, n.14: nov.2017
Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

ABSTRACT

This paper is the result of a methodological proposal developed in a postdoctoral research carried out in the Post-Graduate Program in Education for Science (UNESP-BAURU). It aimed to present a theoretical discussion about a methodological proposal for the development of interdisciplinary research from the approach between Art and Science. For this aim we develop this proposed methodology, called Assemblage-Interdisciplinar. The theme of the research was the Moon, however, it refers to an open proposal and can be developed in other researches that seek to develop interdisciplinary possibilities, especially from the area of Visual Arts.

Keywords: *Interdisciplinarity. Art and Science. Assemblage-Interdisciplinary.*

INTRODUÇÃO

Este artigo reporta-se a uma discussão teórico-metodológica adotada no decorrer de uma pesquisa de Pós-doutorado, desenvolvida no Programa de Educação para a Ciência¹, dentro de uma perspectiva interdisciplinar. A pesquisa reportou-se à possibilidade de desenvolver a interdisciplinaridade a partir da relação entre as áreas de Ciência (Física-Astronomia) e de Arte (Artes Visuais) a partir do tema Lua.

No decorrer da pesquisa elaboramos e desenvolvemos um curso de extensão, *Arte e Ciência na Lua: projetos educativos interdisciplinares a partir da representação da Lua*, no qual foram realizadas observações e representações da Lua, além de estudos teórico-práticos de diferentes áreas de conhecimento sobre o tema. O curso foi cadastrado junto a Pró-reitora de Extensão (Proex/UNESP) e teve parceria com a Secretaria de Estado da Educação - Diretoria de Ensino - Região Bauru (SEED-Bauru), desenvolvido entre os meses de maio a agosto de 2016 e contou com a participação de professores da rede pública estadual das áreas de Arte, Ciências, Física e Geografia. Além destes, professores de diferentes áreas ministraram o curso. Denominaremos estes professores da seguinte forma: *professores-participantes* (que atuam na Educação Básica e participaram do curso), *professores-pesquisadores* (que atuaram no curso como ministrantes e/ou elaborando material teórico-prático).

Para o desenvolvimento da pesquisa foi necessário que a pesquisadora desenvolvesse uma metodologia adequada para diferentes áreas de conhecimento e esta será a discussão que apresentaremos. Desta forma, nosso objetivo foi apresentar uma discussão teórica sobre uma proposta metodológica para o desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares a partir da aproximação entre Arte e Ciência. Optamos por nos apropriar de uma técnica artística (da área de Artes Visuais: *assemblage*) para desenvolvermos esta proposta metodológica, denominada *Assemblage-Interdisciplinar*.

Pelo caráter interdisciplinar da pesquisa foi importante ter liberdade para caminhar entre diferentes áreas e utilizar diferentes metodologias, para isso, adotamos uma fundamentação filosófica que possibilitasse essa liberdade. O percurso do processo da pesquisa que foi organizado em três etapas: 1- *o olhar a pesquisa*; 2- *o organizar a pesquisa*, 3- *o apresentar a pesquisa*.

A primeira fase, *o olhar*, refere-se à fundamentação filosófica, a qual reportou-se a fenomenologia de Merleau-Ponty (2007) e descreve o olhar da pesquisadora no decorrer de toda a pesquisa. A segunda fase, *o organizar*, apresenta os pressupostos metodológicos da pesquisa, a qual foi elaborada a partir da analogia entre *assemblage* (técnica artística que será explicada no decorrer do texto) e interdisciplinaridade, de forma a propiciar uma possibilidade de organização para a pesquisa com foco interdisciplinar. A terceira fase, *o apresentar*, foi elaborado a partir da proposta da *Assemblage-Interdisciplinar* e foi construída em quatro momentos, os quais apresentarão toda a pesquisa a ser desenvolvida.

No decorrer do texto nos reportaremos ao tema da pesquisa: a Lua, contudo, a pesquisa reporta-se a uma proposta em aberto, sendo este o exemplo de um tema. Poderíamos ter inserido outros temas que o percurso metodológico adotado seria o mesmo. A contribuição que se quer fornecer é quanto à possibilidade de demonstrar a construção de uma metodologia interdisciplinar a partir

da área de Artes Visuais. Fazendo assim o caminho inverso da maioria das pesquisas, nas quais a área de Arte se adequa às metodologias de outras áreas de conhecimento.

O OLHAR A PESQUISA

O olhar a pesquisa aproxima-se de alguns dos pressupostos básicos da Fenomenologia, em especial aquela apresentada por Merleau-Ponty (1908-1961). O autor escreve:

A fenomenologia, é aqui, reconhecimento do fato de que o mundo teoricamente completo, cheio, da explicação física, não é nada disso que pretende ser, e que, portanto, é preciso considerar como último, inexplicável, e como mundo para si próprio o conjunto da nossa experiência do ser sensível e dos homens. (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 231)

A partir dessa fala, podemos entender que o mundo que se mostra, aquele que está aparente, explicado e organizado, não é realmente aquilo que aparenta. O mundo *é o que é* para cada um de nós, cada um possui suas próprias experiências, vivências e o entendimento desse mundo. Desta forma, entendemos que, como pesquisadores, devemos vivenciar a pesquisa em primeira pessoa, a partir das nossas experiências. A Fenomenologia propicia essa liberdade para que o pesquisador possa, no decorrer da pesquisa, construir e reconstruir seu olhar e seus caminhos.

Seguindo, ainda, os pressupostos filosóficos de Merleau-Ponty, destacamos três trechos do livro *O visível e o Invisível* (2007) que julgamos importantes e que contribuíram para o nosso olhar fenomenológico:

Ao mesmo tempo é verdade que **o mundo é o que vemos** e que, contudo, **precisamos aprender a vê-lo**. No sentido de que, em primeiro lugar, é mister nos igualarmos, pelo saber, a essa visão, tomar posse dela, dizer que *é nós e o que é ver, fazer, pois, como se nada soubéssemos, como se a esse respeito e **tivéssemos que aprender tudo.*** (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 16)

Agora que tenho **na percepção da própria coisa** e não uma representação, acrescentarei somente que a coisa está no ponto extremo do meu olhar, e, em geral, da minha exploração [...]. (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 18)

No próprio instante porém , em que **creio que partilhar da vida de outrem**, não faço mais que reencontrá-la em seus confins, em seus polos exteriores. É dentro do mundo que nos comunicamos, através daquilo que nossa vida tem de articulado. É a partir desse gramado diante de mim que acredito entrever o impacto do verde sobre a visão de outrem, **é pela música que penetro em sua emoção musical**, é pela própria coisa que me dá acesso ao mundo privado de alguém". (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 22)

Destacamos em negrito algumas frases com questões que julgamos importantes para pautar nossa pesquisa. Apesar de sabermos que o “*mundo é o que vemos*”, “precisamos aprender a vê-lo”, compreendermos que temos um mundo à nossa frente, mas precisamos ver além do que nos é possível; ver além dos olhos; ver aquilo que não é mostrado: o invisível, sua essência. Para isso, devemos ir *desarmados de preconceitos*, estar abertos para os atos de ver, aprender, reaprender e reconstruir.

Na pesquisa que estávamos prestes a realizar essa premissa foi fundamental, propiciou-nos a liberdade para construir e reconstruir nossa proposta inicial. A questão de *reaprender* a ver foi importante em relação ao nosso tema de estudo: *interdisciplinaridade e Lua*. Nos aproximamos, buscamos ver e compreender esses temas, tanto na perspectiva dos professores-pesquisadores quanto dos professores-participantes, que compartilharam experiências discentes e acolheram o projeto e a perspectiva interdisciplinar.

Em relação ao tema Lua foi importante reaprender a vê-la, primeiro a partir da observação direta, a olho nu, depois com o uso de telescópio e, em seguida, a partir de trocas de vivências entre os professores de diferentes áreas de conhecimento. Esse reaprender a ver, possibilitou, em nosso entendimento (em linguagem fenomenológica) da percepção da própria coisa (objeto) e não sua

representação. Mas como realizar isso? Como perceber a própria coisa? Adquirimos essa capacidade no momento que reaprendemos a ver e perceber os detalhes desse mundo; ver a partir da nossa subjetividade e consciência.

Para compreender essas questões que já estavam postas em nosso mundo: *interdisciplinaridade e a Lua*, o “partilhar da vida de outrem” foi fundamental. Partilhamos nosso modo de ver, nossas dúvidas, nossas incertezas e nossas experiências na perspectiva de uma comunicação muito interativa. Por fim, destacamos ao último trecho em negrito: “é pela música que penetro em sua emoção musical” - essa premissa foi fundamental para o caminhar de nossa pesquisa, na qual buscamos imersão e possibilidades de acesso à interdisciplinaridade a partir dela própria, vivenciando um projeto intrinsecamente interdisciplinar. Essa imersão foi possível a partir do tema Lua. No decorrer do curso tivemos diante de nós esse corpo celeste, procuramos vê-lo, senti-lo em suas variadas manifestações (lunação, observação, mensuração do tempo, credices que a cercam, etc.), partilhar nossas experiências. Enfim, foi pela interdisciplinaridade que pudemos construir uma espécie de emoção interdisciplinar na construção de um conhecimento legítimo para os sujeitos participantes da pesquisa.

Adentramos na filosofia fenomenológica a partir de Merleau-Ponty, mas para relacionar essa filosofia com a construção de nossa caminhada no decorrer da pesquisa, seguimos algumas proposições de Joel Martins (1992). O autor sintetiza a trajetória da fenomenologia em três momentos que, segundo ele, não são passos ou sequências, mas um percurso possível: a descrição, a redução e a compreensão fenomenológica.

A descrição, como apresentada por Martins (1992, p. 59) apresenta três elementos, dos quais elencamos um: “a percepção que assume uma primazia no processo reflexivo”. Da redução elencamos o seu objetivo de “determinar, selecionar quais as partes da descrição são consideradas essenciais e aquelas que não o são” (MARTINS, 1992, p.59). Por fim, da compreensão fenomenológica ressaltamos que

envolve sempre uma interpretação espreitando; a compreensão surge sempre em conjunto com a interpretação. Num sentido geral, este momento é uma tentativa de especificar o 'significado' que é essencial na descrição e na redução, como uma forma de investigação da experiência. (MARTINS, 1992, p. 60)

O olhar da pesquisa adota algumas premissas fenomenológicas a partir dos momentos apresentados por Martins: a percepção como fundamental para desenvolver a reflexão; a possibilidade de selecionar o que julgamos essencial da descrição; a investigação a partir da nossa experiência. Adotaremos em nosso olhar fenomenológico a descrição e a interpretação como possibilidade de compreendermos a pesquisa interdisciplinar.

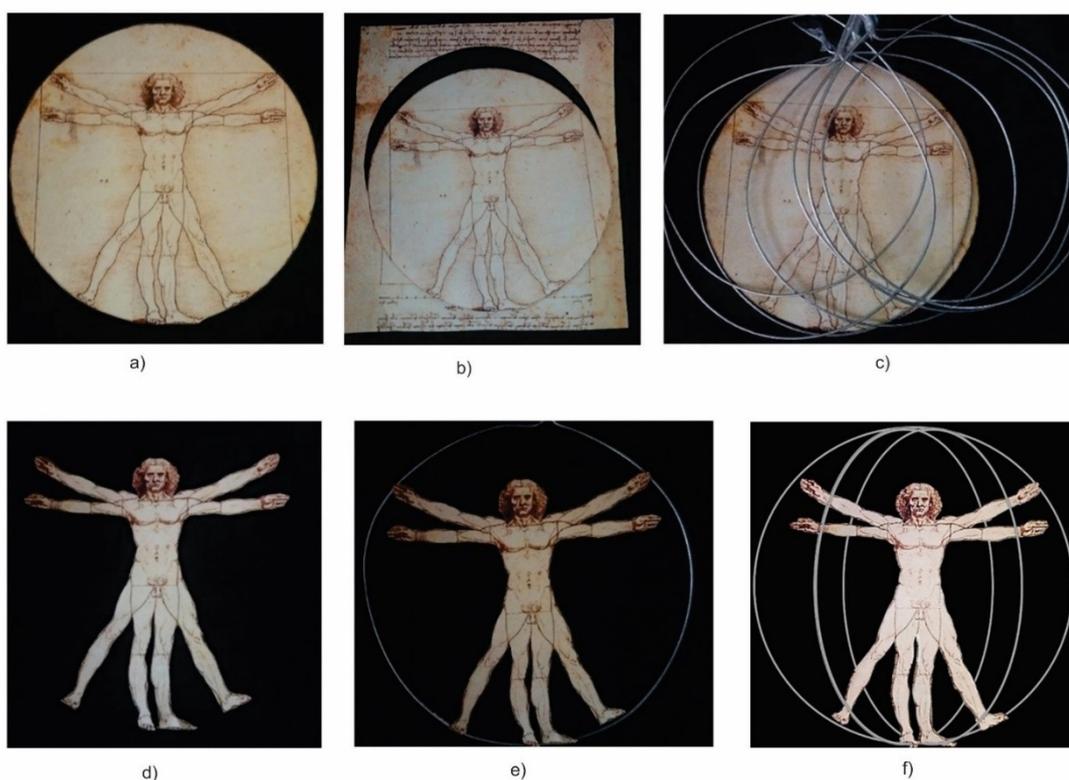


Figura 1: Processo de construção da representação da Homem Transdisciplinar. Fonte: Elaborado pela autora (2016).

O ORGANIZAR A PESQUISA

A partir da perspectiva fenomenológica, tivemos liberdade de organizar, no decorrer da pesquisa, a forma de apresentar e de interpretar os dados disponíveis, fundamentados na aproximação e na analogia entre **interdisciplinaridade** e **assemblage**. Para entendermos a analogia aqui proposta, iniciaremos descrevendo alguns aspectos da *interdisciplinaridade* e da *assemblage*.

Em relação à interdisciplinaridade, destacamos que, desde que se questionou a possibilidade de desenvolver a pesquisa, essa concepção já estava presente.

Quando refletimos sobre a interdisciplinaridade inferimos um período histórico onde não havia essa preocupação em organizar e separar as disciplinas, falamos do Renascimento. Destacamos neste período duas de suas principais características: antropocentrismo e humanismo. De forma simplificada, apontamos que a primeira característica se refere a colocar o homem como centro de tudo e a segunda, sobre um conjunto de ideias e valores que o homem deveria adquirir. Neste período colocou-se o homem como centro de todas as coisas e, para isso, era necessário formá-lo em sua totalidade. Mas o que mais nos atrai nesse período é a proximidade existente entre Arte e Ciência. Praticamente não havia a divisão que temos hoje entre um artista e um cientista; ambos tinham uma formação muito próxima. (SILVA; DANHONI, 2015)

Uma das imagens que representam essa visão de homem, de mundo e conhecimento é o *homem vitruviano* de Leonardo da Vinci (1452-1519). O desenho foi baseado em Marcus Vitruvius Pollio ou Vitruvio (70-25 a.C.) e reporta-se ao homem como medida de todas as coisas.

Nos permitimos aqui uma analogia com a interdisciplinaridade. O homem (ser humano) está no centro e, à sua volta está seu mundo, que ele ao estender seus braços e pernas e movimentar-se pode tocar e nesse toque, nesse encontro se dá o conhecimento. O conhecimento não pertence a uma área específica, o conheci-

mento é um todo. Essa imagem representa o encontro do homem (ser humano) com o conhecimento. E, como hoje, nosso conhecimento está dividido em disciplinas, áreas, etc. esboçamos uma nova representação.

Nossa representação para a interdisciplinaridade é esse homem (ser humano) envolto em arcos, que representam as diferentes áreas/disciplinas que o envolvem. Enfim, o ser humano ao centro na busca/construção do conhecimento a partir da relação com as diferentes áreas/disciplinas. Segue o processo de construção que podemos chamar de *Transdisciplinaridade* (Figura 1) - dado o caráter totalizante e interativo das disciplinas nesta perspectiva - e a representação final do ser humano completamente envolto, o *Homem Transdisciplinar*.

O fundamento teórico adotado sobre a interdisciplinaridade baseou-se em um pesquisador que é referência na área e do qual compartilhamos concepções sobre o tema: Hilton Japiassu (um dos precursores de pesquisas interdisciplinares no Brasil). Em sua obra *Interdisciplinaridade e patologia do saber*, editado pela primeira vez em 1976, Japiassu destaca seis itens que deveriam ser levados em conta para desenvolver um empreendimento *interdisciplinar*. Devido à extensão da ideia do autor, optamos por apresentar a síntese feita pelo próprio:

Em síntese, poderíamos dizer que a metodologia interdisciplinar postula uma reformulação generalizada das estruturas de ensino das disciplinas científicas, na medida que coloca em questão não somente a pedagogia de cada disciplina, mas também o papel do ensino pré-universitário, bem como o emprego que se faz dos conhecimentos psicopedagógicos adquiridos. Ademais, põe em jogo o fracionamento das disciplinas ainda vigente nas universidades, para postular uma pedagogia que privilegie as interconexões disciplinares. (JAPIASSU, 1976, p. 33-34)

O autor sugere uma metodologia interdisciplinar que reformule as estruturas já existentes e, o mais importante, propõe interconexões disciplinares nas universidades. Concordamos com as proposições do autor e apresentaremos a interdisciplinaridade não como uma metodologia e sim como uma epistemologia, como sugere o autor em outro trecho: “é preciso que cada um esteja impregnado de um espírito epistemológico suficientemente amplo para que possa observar as relações de sua disciplina com as demais, sem negligenciar o terreno de sua especialidade.” (JAPIASSU, 1976, 35). Por estarmos impregnados desse *espírito epistemológico interdisciplinar*, demos início à organização da pesquisa. Claro que o fizemos dentro dos limites existentes, tanto em nossa formação, quanto na própria organização do espaço em que atuamos: a universidade - como bem explica Japiassu (1976):

Os intelectuais foram formados em instituições sem portas nem janelas. Mas temos o direito de ser otimistas, pois as necessidades da ação e da pesquisa levam-nos sempre mais a estar atentos ao vizinho, à ultrapassagem das fronteiras, à criação de novas disciplinas e constelações do saber, ordenadas em torno de temas, de objetivos e de projetos. (JAPIASSU, 1976, p.35)

A partir do entendimento de Japiassu sobre a construção de novas possibilidades de organização do saber, a pesquisa busca, a partir dos temas, objetivos e projetos desenvolver uma proposta interdisciplinar. Para esse caminho Japiassu (1976, p.65) sugere ainda:

[...] o trabalho interdisciplinar tem necessidade de centrar-se em um ou vários programas, ante de efetuar-se no nível de projeto. Porque um programa é uma definição mais ampla de determinada orientação de pesquisa, possuindo uma coerência interna e analítica. O programa apresenta a vantagem de estar centrado em um assunto ou tema bastante flexível para assumir vários projetos concretos de pesquisa. Por ser uma operação a longo prazo, deve ser pensado e elaborado antes dos projetos. (JAPIASSU, 1976, p. 65)

Seguindo as premissas de Japiassu, sobre a vantagem de um programa de pesquisa, a investigação aqui apresentada como um Projeto de *Pesquisa*, toma a forma de programa, na visão de Japiassu. Dentro desse *programa*, realizamos vários projetos, como o desenvolvimento de material teórico, um curso denominado *Arte e Ciência na Lua: projetos educativos interdisciplinares na prática docente a partir do tema Lua (Arte e Ciência na Lua)*, uma exposição, entre outros. A cooperação com a Educação Básica ampliou consideravelmente essa perspectiva.

Em relação à assemblage a proposta de relacionar essa técnica artística com a interdisciplinaridade surgiu no decorrer do próprio curso Arte e Ciência na Lua, em um bate-papo com o Prof. Pedro Luiz Padovini (SEED-SP). O professor apresentou desta forma essa ideia: “Interdisciplinaridade não é uma colagem de disciplinas e sim uma assemblage [...] não vemos as emendas entre as disciplinas, elas estão unidas com algo em comum, como na assemblage e acabam criando um todo”². A partir desse pensamento iniciamos um estudo comparativo entre interdisciplinaridade e assemblage para verificarmos se seria possível realizar uma analogia entre ambas.

Assemblage, de forma sintética, é entendida como uma técnica artística que foi muito utilizada pelos dadaístas e reconhecida no ano de 1953. O termo foi criado pelo pintor francês Jean Dubuffet (1901-1985) para explicar os trabalhos que iam

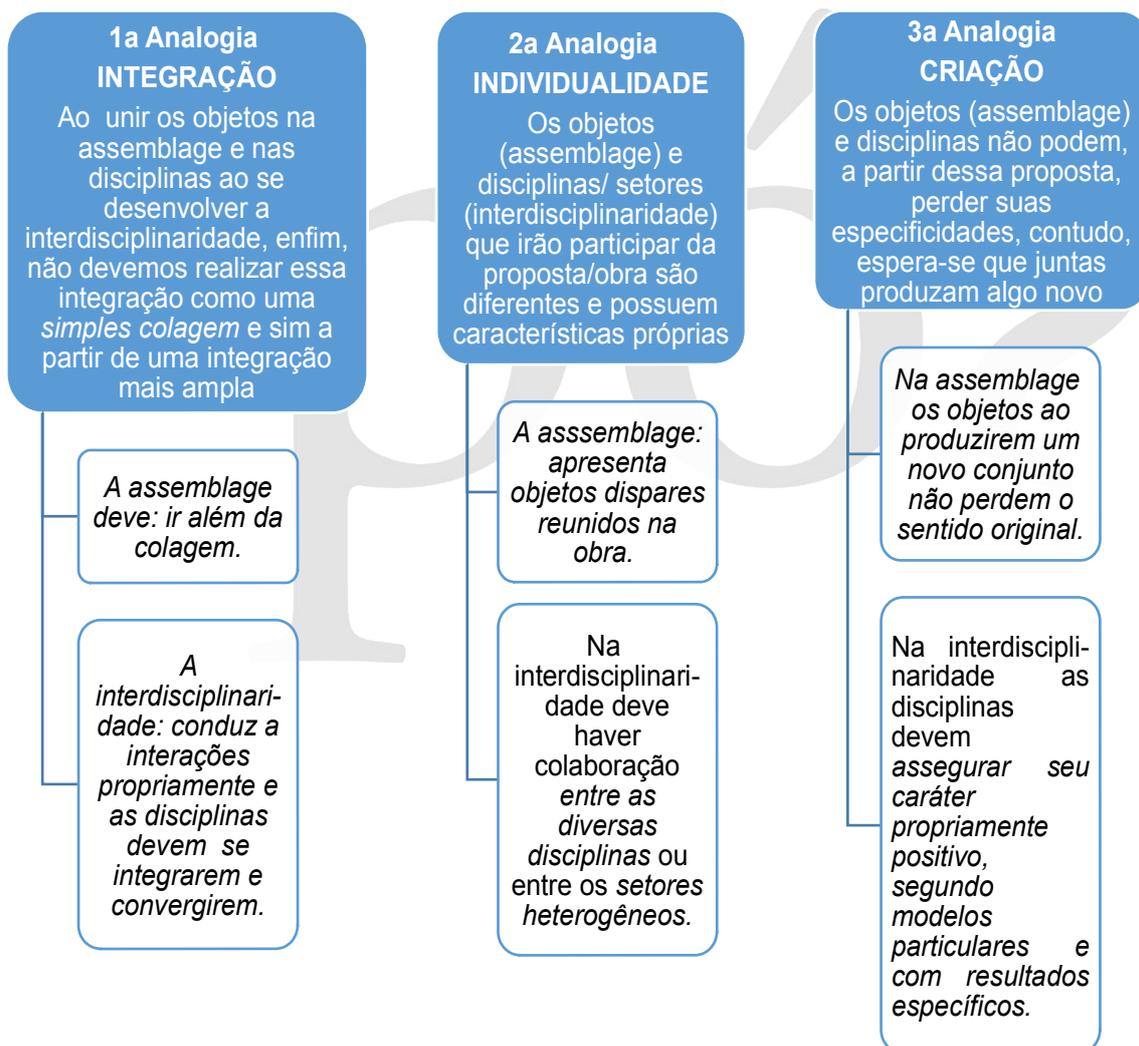


Figura 2: Analogia entre o processo de assemblage e interdisciplinaridade. Fonte: Elaborado pela autora (2016).

além de simples colagens. Inicialmente, os trabalhos eram, em sua maioria, bidimensionais, mas, aos poucos, surge a assemblage tridimensional. Archer (2001) explica assim esta técnica:

Existem duas ideias-chave amalgamadas à palavra 'assemblage'. A primeira é a de que, por mais que a união de certas imagens e objetos possa produzir arte, tais imagens e objetos jamais perdem totalmente sua identificação com o mundo comum, cotidiano, de onde foram tiradas. A segunda é a de que essa conexão com o

cotidiano, desde que não nos envergonhemos dela, deixa o caminho livre para o uso de uma vasta gama de materiais e técnicas até agora não associados com o fazer artístico. (ARCHER, 2001, p. 3-4)

Estas são algumas das características básicas da *assemblage*: vai além das colagens, busca romper com as fronteiras entre *arte e vida cotidiana*; apresenta a estética da acumulação, na qual tudo pode ser incorporado à obra de Arte; apresenta objetos díspares reunidos na obra, os quais, mesmo ao produzirem um novo conjunto, não perdem o sentido original. Retornaremos à estas características no momento de realizar a analogia necessária para a presente obra com o conceito de interdisciplinaridade. Destaca-se a estética da *acumulação* nos trabalhos que se desenvolvem com esta técnica.

Retornamos à interdisciplinaridade, destacando algumas de suas características, como fizemos com a *assemblage*, para, na sequência, apresentaremos uma síntese da analogia entre ambas.

Para apresentarmos algumas das características de interdisciplinaridade retornamos à Japiassu (1976, p. 74-75), recortando alguns dos trechos de suas proposições sobre interdisciplinaridade:

[...] pode ser caracterizado como o nível em que a **colaboração entre as diversas disciplinas** ou entre os **setores heterogêneos** de uma mesma Ciência **conduz a interações propriamente ditas**, isto é, a uma certa reciprocidade nos intercâmbios, de tal forma que, **cada disciplina saia enriquecida**.

[...] nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimos a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de **faze-los integrarem e convergirem**, depois, de terem sido comparadas e julgadas.

[..] o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para religar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de **assegurar a um seu caráter propriamente positivo**, segundo **modos particulares e com resultados específicos**. (JAPIASSU, 1976, p. 74-75)

A partir das ideias esboçadas por Japiassu e das características da *assemblage*, apresentaremos alguns recortes (em negrito) para desenvolver a analogia entre *interdisciplinaridade* e *assemblage*. Primeiros recortes: *i) ir além da colagem (assemblage); ii) conduzir a interações propriamente ditas (interdisciplinaridade); iii) produzir interação e convergência (interdisciplinaridade) - 1ª (primeira) analogia* nos reporta à forma de



I Momento da Assemblage



II Momento da Assemblage



III Momento da Assemblage



IV Momento da Assemblage

Figura 3: Construção da Lua Transdisciplinar pelo processo de *Assemblage-Interdisciplinar*. Fonte: Elaborado pela autora (2016).

unir os objetos na assemblage e na relação entre as disciplinas ao se desenvolver

SILVA, Josie Agatha Parrilha da. **Assemblage-interdisciplinar como possibilidade de construção de um percurso metodológico interdisciplinar.**

PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM. v.7, n.14: nov.2017
Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

a interdisciplinaridade, ou seja, não devemos realizar essa integração como uma 'simples cola', mas sim a partir de uma integração mais ampla. Os segundos recortes: i) *apresentação de objetos díspares reunidos na obra (assemblage)*; ii) *colaboração entre as diversas disciplinas ou entre os setores heterogêneos (interdisciplinaridade)* - apresentam a **2ª (segunda) analogia**, que se refere ao entendimento de que os objetos (assemblage) e disciplinas/setores (interdisciplinaridade) que irão participar da proposta/obra são diferentes e possuem características próprias. Os terceiros recortes: i) *ao produzirem um novo conjunto não perdem o sentido original (assemblage)*; ii) *assegurar a um seu caráter propriamente (interdisciplinaridade)*, modos particulares e com resultados específicos (interdisciplinaridade) convergem para uma **3ª (terceira) analogia**, referindo-se aos objetos (assemblage) e disciplinas que não podem, a partir dessa proposta, perder suas especificidades; contudo, espera-se que, juntas, produzam algo novo. Elaboramos um diagrama para organizar estas analogias entre *interdisciplinaridade* e *assemblage*. (Figura 2)

A organização do material referente à pesquisa, ligada à interdisciplinaridade, foi pensada no mesmo formato de criação com a técnica de assemblage e a partir de quatro momentos: *I- Reflexão Poética e Apropriação do Tema*: realizamos a reflexão poética sobre o tema que se desenvolveria com a técnica da assemblage; foi necessário pensar sobre o material disponível e o resultado que se esperava com a organização destes; *II- Novos materiais e ideias sobre o Tema*: materiais e ideias sobre o tema foram organizados, e reajustes realizados, de forma a relacionar os objetos sem que perdessem suas características; *III - Construindo/Reconstruindo e Sintetizando*: momento que observamos e sintetizamos o que havia sido construído, para reconstruir de acordo com a Poética; *IV - Resultado da Poética*: resultado final, criado a partir da Poética. Esta relação entre *interdisciplinaridade* e *assemblage*, denominada agora: *Assemblage-Interdisciplinar* (foi a forma organizar todo o percurso metodológico da pesquisa).

O APRESENTAR A PESQUISA

A apresentação da pesquisa foi a mesma adotada no percurso metodológico, a *Assemblage-Interdisciplinar*, organizada em quatro momentos: *Reflexão Poética e Apropriação do Tema*, *Novos materiais e Ideias sobre o Tema*, *Construindo/Reconstruindo e Sintetizando e Resultado da Poética*. Segue apresentação destes momentos:

I Momento da *Assemblage-Interdisciplinar* - Reflexão Poética e Apropriação do Tema: refletimos sobre a pesquisa e nos apropriamos ainda mais do tema a partir da reestruturação do projeto, da criação do curso *Arte e Ciência na Lua* e do cotidiano do curso. A construção da representação deste momento apresenta as imagens deste material, imagens da Lua (recortes) e dois hemisférios (de um lado Arte, de outro, Ciência) para a futura Lua que construiremos. (Figura 3)



Figura 4: Lua Transdisciplinar. Fonte: Elaborado pela autora (2016).

II Momento da *Assemblage-Interdisciplinar* - Novos materiais e Ideias sobre o Tema:

contempla o material teórico-prático desenvolvido para o curso *Arte e Ciência na Lua: projetos interdisciplinares*. Na verdade, apresenta o resultado da reorganização deste material, pois ele foi alterado e finalizado no decorrer do curso. Contempla o material teórico-prático desenvolvido pelos professores-ministrantes do curso a

partir de diferentes áreas de conhecimento. Na representação deste momento apresentaremos recortes dos diferentes materiais teórico-práticos construídos para o curso e os formataremos para que componham os dois hemisférios da Lua: de um lado, Arte e, de outro, Ciência; na sequência, daremos início a colagem que resultará na assemblage. (Figura 3)

III Momento da Assemblage-Interdisciplinar – Construindo/reconstruindo e sintetizando:

compõe-se das descrições realizadas das atividades teórico-práticas desenvolvidas no decorrer do curso, compõe-se de observações, relatos, desenhos e textos desenvolvidos pelos professores que participaram do projeto. Na representação deste momento, onde sintetizaremos o processo formativo interdisciplinar, incluiremos o nosso *Homem Transdisciplinar* que será colocado no centro dos hemisférios que serão unidos ao seu redor – o processo de formação adquire sentido para o homem (professores) e torna-se conhecimento. (Figura 3)

IV Momento da Assemblage-Interdisciplinar - Resultado da Poética: apresentaremos as produções realizadas pelos professores no decorrer do curso. Nesse momento fizemos a união dos conhecimentos adquiridos/construídos nas áreas de Arte e Ciência e religaremos os dois hemisférios a partir das representações e das criações poéticas dos professores. A partir da interdisciplinaridade envolveremos de forma única homem-mundo, construindo novos conhecimentos. O resultado é a poética: *Lua Transdisciplinar*. (Figura 3)

Ao final do desenvolvimento da pesquisa pudemos inferir que a partir da proposta metodológica empregada, *Assemblage-Interdisciplinar*, atingimos nosso principal objetivo: propiciar uma vivência interdisciplinar a partir da relação entre Arte e Ciência a um grupo de professores. Foi possível observar que todos os professores envolvidos na pesquisa romperam barreiras e visualizaram possibilidades de um trabalho interdisciplinar no Ensino, na Pesquisa e na Extensão.

QUESTIONAMENTOS FINAIS

Os resultados do projeto propiciaram o equilíbrio entre Arte e Ciência a partir de propostas interdisciplinares, visando reconstruir de forma ampla e plural o conhecimento. Esse momento é representado a partir da transparência aplicada à *Lua Transdisciplinar*, assim podemos visualizar o *Homem Interdisciplinar* que se encontra ao centro de todo o conhecimento que se construiu sobre o tema Lua. (Figura 4)

A proposta não foi apresentar os resultados da pesquisa e sim apresentar possibilidades de desenvolver pesquisas interdisciplinares nas quais a Arte não seja utilizada como um *recurso* para permear questões teóricas da *Ciência*. A Arte, assim como a Ciência devem ser desenvolvidos de forma equânimes. Destacamos algumas questões que julgamos importantes para o desenvolvimento de outras iniciativas de pesquisas que relacionem Arte e Ciência:

* A Arte como área de conhecimento: enquanto a Ciência é valorizada e entendida como um conhecimento fundamental para a educação, a Arte ainda é vista por alguns apenas como dom e uma atividade. Combatemos essa visão e reforçamos o que os arte-educadores discutiram fortemente na década de 1980: Arte é conhecimento.

* A interdisciplinaridade como possibilidade de construir o conhecimento no seu todo e não compartimentalizado: essa premissa foi adotada a partir de Zamboni (2006) e de Japiassu (1986). O primeiro reporta-se à relação entre Arte e Ciência, enquanto o segundo discute a relação entre as diversas disciplinas; contudo, entendemos que desta relação podemos construir o conhecimento de forma ampla, possibilitando a construção do conhecimento.

Podemos dizer que a proposta não foi levada de forma pronta e acabada, foi uma construção e reconstrução. Não foi uma tarefa fácil fazer essa reconstrução no decorrer de um projeto em desenvolvimento, mas é algo que devemos realizar numa pesquisa interdisciplinar: criar. Para finalizar, queremos compartilhar um pensamento de Fayga Ostrower (2008):

Criar é, basicamente, formar. É poder dar forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (OSTROWER, 2008, p. 9)

Ostrower sintetiza de forma primorosa o que seria criar. Todo ser humano tem essa capacidade de criar, ou seja, a criatividade é uma possibilidade para todos. Para a autora “O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerente, ordenando, dando forma, criando”. (OSTROWER, 2008, p. 10).

Como pesquisadores, sentimos essa necessidade de criar, necessidade da qual vimos partilhar e compartilhar, em especial proposta metodológica que expusemos aqui: *Assemblage-Interdisciplinar*. Essa metodologia propiciou a organização de uma pesquisa com caráter interdisciplinar, enraizada na Arte, e julgamos que é possível desenvolvê-la em diferentes áreas do conhecimento e suas múltiplas temáticas.

REFERÊNCIAS:

ARCHER, Michael. *Arte Contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FAZENDA, Ivani. (Org.). *A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento*. 12ª edição. Campinas: Papirus, 2012.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MARTINS, Joel. *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis*. São Paulo: Cortez, 1992.

MERLEAU -PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, Josie Agatha Parrilha; DANHONI NEVES, Marcos Cesar. *O codex Cigoli-Galileo: ciência, arte e religião num enigma copernicano*. Maringá: EDUEM, 2015.

ZAMBONI, Silvio. *A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência*. 3ª ed. São Paulo: autores associados, 2006.

NOTAS

1 Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual Júlio de Mesquita, Campus de Bauru (UNESP-BAURU) e pesquisa financiado pela CAPES, dentro do Programa Nacional de Pós-doutorado (PNPD).

2 Diálogo do Prof. Pedro Padovini (SEED-SP) no decorrer do curso Arte e Ciência na Lua, no mês de agosto de 2016.